

Porta-voz da cultura afro

Miltinho Astronauta

O piracicabano Eldio Basso Rolim Filho, ganhou o mundo quando tinha 23 anos. Foi para os Estados Unidos e lá ficou por mais de 20 anos. Conhecido internacionalmente como Cabello, se transformou em uma referência da cultura afro-brasileira por divulgar a capoeira, ser percussionista, artesão e integrar uma das maiores companhias de sapateado do mundo, a Urban Tap ("sapateado urbano", aquele feito na rua e baseado na improvisação. De volta ao país e morando na Bahia, Cabello esteve em Piracicaba visitando seus pais. Em entrevista ao Jornal de Piracicaba, disse que vai continuar trabalhando no exterior, mas quer popularizar a cultura em terras tupiniquins.

O interesse pelas manifestações de origem africana começou em Piracicaba, quando Cabello conheceu a capoeira. "Comecei com o mestre Gil, do grupo Novo Engenho, depois tive contato com os mestres Suassuna, Cosme e Zequinha", fala o capoeirista. "Dou aulas no mundo todo e sempre entre uma viagem e outra venho para Piracicaba. Acabei de chegar da Nova Zelândia. Cresci e vivi aqui, no Centro e na Paulista, pois meu pai era um comerciante famoso, dono das lojas O Cacau", conta.



Foi depois de 1990 que a carreira de Cabello decolou. "Fui morar em uma comunidade de artistas, na Califórnia.

Trocava as aulas de capoeira pela moradia. Depois mudei para Nova York, pois naquela época a dança e a música

dominavam a cidade", fala. Lá Cabello conheceu o mestre da capoeira

de Angola, João Grande, e conseguiu entrar como performer no circuito de artes de Nova York.

URBAN TAP - Entre um show e outro, o capoeirista conheceu Tamango, um mestre do sapateado que realizava shows em East Village - bairro de artistas dos anos 80. "Ele sempre me chamava para participar das jams (sessões de improvisação) com percussão e capoeira. Trabalho com a Urban Tap, ou seja com o Tamango, desde 1995, com shows marcados até 2007", conta.

As apresentações da trupe são baseadas na improvisação. "Descobri que o sapateado e a capoeira são irmãos de origem, como o samba, o candomblé, o folclore, o jazz americano. Se não tivéssemos a influência africana, não existiria o que hoje chamamos de cultura brasileira".

CAXIXI - E como todo bom capoeirista, Cabello não poderia deixar de fazer seus próprios instrumentos de percussão, como o caxixi - de origem africana, que se tornou popular no Brasil acompanhando o berimbau. "Ele é todo orgânico, feito com tiras de cipó trançadas e sementes. Consegui produzir um instrumento que tem um som particular e sobretudo brasileiro", conta. "Quando viajo, todos querem os meus caxixis. Resolvi criar uma empresa e hoje vendo para o mundo".

Segundo Cabello, os sapateadores e capoeiristas são embaixadores da cultura afro-brasileira no exterior e o país já é respeitado por isso. "As pessoas já reconhecem o Brasil por essa arte transmitida pela cultura oral. Agora estou morando em Ilhéus, na Bahia, onde criei a Fazenda Cultural Ouro Verde para promover cursos e workshops. Preciso respirar o ar brasileiro para poder disseminar nossa arte pelo mundo", confessa o piracicabano.

Fotos: www.mandinga.org - mestre Marcelo